

impulsivo que o projectou do honroso pôsto a que fôra alçado... e pede para ser dispensado da prova do discurso. Desde já promete que...

— Venha o discurso! Queremos discurso! — interromperam algumas vozes furiosas. Eram os do partido do Adélio. Sobre estes, pugilistas e destros jogadores da bola ou à barra, não tinha grande influência a perfeição com que Pedro, nunca ninguém soube com que dose de seriedade ou ironia, arremedava os presidentes de sessões solenes, os oradores oficiais ou consagrados, e os aldrabões de feira. Outros, porém, ficaram calados; e estes eram os amigos de Pedro. Então, o Adélio chegou-se com o seu modo gingado e acotovelou Lèlita:

— Não queres que te macem, han? Mas olha que é preciso baixar um pouco a grímpa!

Olhou-o com uma repentina intimidade, como quem tãcitamente faz uma pergunta e procura resposta. Depois piscou-lhe o olho, esboçou um sorriso dúbio... E tudo isto eram cousas que Pedro também poderia fazer, sem provocar em Lèlita a náusea profunda que provocava o Adélio. Quando não era agressivo ou grosseiramente hostil, o Adélio era protector e familiar dum modo que se tornava isolente.

— Rapazes!, — disse para os seus — não acham que temos mais que fazer do que ouvir piadas sem piada? Deixemos o moço ver se respira... e se encontra a voz.

Houve uns sussurros de desacôrdo. Mas o Adélio abraçou pela cinta dois dos seus mais categorizados admiradores, afastando-os. Assim repellidos pelos dois chefes rivais, todos dispersaram.

Quando tocou a sineta, em vão Lèlita quis evitá-lo: O Adélio achou-se seu par. A saída do dormitório, do refeitório, ou da sala de estudo, tinha cada um o seu par marcado pela própria disposição das camas, mesas ou carteiras. Ao entrarem do recreio, a escolhá era livre. O Adélio tinha-o escolhido.

— Sempre conseguiste livrar-te do palavreado, han?

Lèlita murmurou:

— E' verdade.

— Não sei se sabes que a mim mo debes! — tornou o Adélio baixando a voz e inclinando um pouco o rosto para o seu ombro.

— Sei... — disse Lèlita horrivelmente constringido — Obrigado.

— Não tens que agradecer.

Leiam no próximo número:

Um hino ao Sol,

erguido há 3307
anos—e que é uma
das mais notáveis
páginas da antiga
literatura egípcia.



DE LIVROS

*Cinzas da Nossa Alma, por
José dos Santos Cabral.*

PINCELADO por um vago misticismo, que em parte está em desacôrdo com as próprias afirmações do autor, o livro de José Cabral é um conjunto de comentários pessimistas, onde o desalento e o desamor à vida surge a cada momento, traduzido por belas frases de efeito, mas que em boa verdade não passam de gastos lugares comuns.

Cremos que José Cabral foi bem infeliz em alguns conceitos àcerca da Mulher, pois estão em desarmonia com as necessidades da época, e mesmo com o espírito renovador de hoje. Para exemplificar, transcrevo um passo: — «...Se dêsse contacto nascer rapariga, dá-lhe uma educação feminina e moralista, e não a tornes homem». E mais atrás diz: «Tentam fazer a experiência heteróclita do Homem dar à luz, desde que autorizam a Mulher a pisar o soalho do emprêgo». Julgo desnecessário comentários, pois o próprio leitor os dispensará.

Todavia, «Cinzas da Nossa Alma» está luxuosamente apresentado, e o autor — um novo — promete novos livros, onde esperamos encontrar mais Amor à vida e menos desalento.

L. V.

POESIA

“Cristais Partidos,,

De Fernando Augusto.

(Fernando Monteiro S. da Silva).

Lisboa, 1936.

Recebemos a amável oferta dêste curioso livro de versos em que o autor revela, àparte algumas hesitações de principiante, brilhantemente as qualidades dum temperamento de Poeta.

De técnica correcta, Fernando Augusto apresenta-nos versos deliciosos pelo seu sabor romântico mas possuindo as boas qualidades do romantismo, apenas com um leve acentuado místico que destoa um pouco no conjunto.

O seu soneto «Quisera ser Poeta» é muito bom, muito bom mesmo e fecha com chave de ouro:

«E eu cantaria, então, o beijo quente,
«Que a tua bôca, rubra, incandescente
«Depôs na minha bôca — sem pudor...»

Os poemas de moderna escola também são bons: têm ritmo, harmonia e sentido nítido. Destaco o «Poema Incompleto», que nos entusiasma pelo seu carácter profundamente humano.

Parabéns, pois, a Fernando Augusto. Prossiga e aperfeiçoe-se.

Agora uma ligeira nota: Acho desnecessário e até supérfluo e prejudicial a idela de encimar a obra com o nome literário e o nome civil.

É prejudicial porque leva o leitor à confusão e não há nada melhor para o escritor de que usar um nome breve e sintético.

Agradecemos a oferta.

Luiz de Sanjusto.